

A Crise Financeira de Setembro de 2008 é também uma crise de Paradigma¹

Marcos Costa Lima é Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFPE. Doutor e Ciências Sociais pela Unicamp, pós-doutorado pela Université Paris XIII-Villetaneuse.

Endereço: Departamento de Ciências Sociais - Av. Prof. Moraes Rego, 1235 - Cidade Universitária, Recife - PE - CEP: 50670-901.

E-mail:marcoscostalima@terra.com.br.

Recebido em 05/2009. Aceito em 10/2009.

"The insanity of it was vividly brought to me at the end of 1997"
Susan Strange²

"Os problemas que existem no mundo não podem ser resolvidos a partir dos modos e raciocínios que deram origem aos mesmos."
Einstein

Esta não foi a primeira e, ao que parece não será a última grande crise, ou crise final do capitalismo, mas nos obriga a sondá-la e a verificar suas características particulares, bem como a gravidade de seus efeitos em termos mundiais, pois o mundo em que hoje vivemos não é mais o mesmo de quando eclodiu a Crise de 1873, de 1907, e aquela de outubro de 1929.

A crise de 1873, nas palavras de Serge Halimi³ decorre de um excesso de produção mundial, agrícola e industrial, que está vinculado tanto aos progressos tecnológicos (expansão dos rendimentos por efeito da mecanização), quanto a uma corrida por investimentos (no decorrer da qual as aplicações tornam-se mais arriscadas e menos rentáveis), e,

¹ Agradeço a Maurício Dias David pelo envio sistemático de trabalhos sobre a Crise Financeira.

² SUSAN STRANGE (1998).

³ SERGE HALIMI (2009), p.12

também, pela revolução dos transportes. “O camponês francês ou prussiano perdeu sua “vantagem comparativa” tão logo as máquinas, os adubos e as novas variedades de trigo permitiram produzir grãos, com reduzidos custos, nas grandes planícies da América do Norte, na Argentina ou na Ucrânia, e transportá-los por preços mais em conta em navios cargueiros ou trens”.

Citando obra de Peter Gourevitch⁴, Halimi diz que foi em torno da questão do protecionismo que a grande crise europeia dos 1876-1896 buscou a saída, e em torno dela se formam as coalizões sociais e políticas que determinaram as respostas dos estados. Apenas o Reino Unido não vem a adotar medidas protecionistas, pois detinha potência industrial (têxtil e siderúrgica) e naval.

As crises de 1907 e a de 1930 foram decorrência imediata de alta alavancagem dos especuladores e, dada a importância da economia estado-unidense no mercado global, logo se expandiram para a Europa e para outros mercados. A crise de 1907 conjugou um terremoto em São Francisco, seguido de incêndios e elevada indenização devida pelas seguradoras inglesas, fazendo com o crédito apertasse e o pânico se difundisse. Naquele momento ainda não havia o Federal Reserve, que só foi criado seis anos depois em 1913, que veio a operar como prestador de última instância e regulador do sistema financeiro.

A Crise de 1929, também fruto de uma crença no *laissez-faire* e pelo enriquecimento fácil permitiu que em pouco tempo as ações dobrassem de preço e que fossem emitidos muitos milhões de dólares de empreendimentos duvidosos. Como diz Antonio Prado (2009), “a rápida evolução do sistema de crédito e as inovações nas comunicações e transportes atraíram capitais de forma crescente para as bolsas de valores, com promessas de lucros estapafúrdias como a crescente perda de aversão dos riscos⁵”. Mas o problema não se situava apenas na especulação. A produção industrial já vinha em queda desde o início de 1929. O setor automobilístico caiu de 660 mil unidades, em março deste ano, para 440 mil em agosto, 416 mil em setembro, 319 mil em outubro, 169,5 mil em novembro e 92,5 mil em dezembro⁶.

⁴ PETER GOUREVITCH (1986).

⁵ ANTONIO PRADO (2009), “Memórias de crises e o colapso do mercado autorregulado”. In: Valor, 16 de março.

⁶ CHARLES P. KINDLEBERGER (2000), p.86

O fato é que esta crise foi longa e produziu muitos estragos. F.D.Roosevelt foi eleito em 1933 para debelá-la, a partir de sua política do “New Deal” que prenunciava mecanismos keynesianos. Aboliu o padrão ouro, recuperando os preços dos produtos agrícolas, reviu a regulação dos bancos, separando bancos comerciais daqueles de investimento, permitiu que o FED regulasse as taxas de juros nas instituições de poupança, mecanismos que compunham a Lei Glass-Steagall. O gasto público foi utilizado copiosamente para reaquece a economia, passando a ser um instrumento central de estímulo ao desenvolvimento⁷.

Mesmo com todas as medidas implantadas por Roosevelt, há aqueles que afirmam que os Estados Unidos só saiu da crise com o esforço militar que levou à Segunda Guerra Mundial.

Outras crises financeiras aconteceram e são esquadrihadas por Kindleberger (2000), de 1618 a 1990. Ele não chega a tratar da crise do sistema Nasdaq (*National Association of Securities Dealers Automated Quotation*), no ano 2000⁸ que sofreu uma queda de 57% entre março de 2000 a março de 2001, ou seja, no espaço de um ano perderam metade de seu valor. Tampouco analisa o impacto financeiro do 11 de setembro 2001, quando pela queda nas bolsas, US\$ 4 trilhões viraram fumaça. Contudo, por todas as condições existentes nos Bancos Centrais dos países centrais para debelar a crise, o fenômeno de setembro de 2008 parece ter repercussões tão dramáticas quanto aquela de 1929. O economista alemão Elmar Altvater chega a dizer que se trata da pior crise financeira dos últimos 100 anos

Alguns dos principais analistas da financeirização, já chamavam a atenção para a insustentabilidade do modelo e da *Nova Economia*. Há muito já se via o que havia de errado na economia dos EUA, exportada para o mundo sob a forma da especulação global. A “exuberância irracional” fazia com que o capitalismo acionarial ou o “regime de acumulação a dominância financeira” produzisse lucros fantásticos para os executivos, que não viam qualquer interesse em mudança. O sonho foi transferido para as classes médias dos países ricos e em menor escala, para os ricos periféricos. Os governos, pregando o livre mercado, não

⁷ No início do século XX o papel do gasto público não ultrapassava os 6% do PIB, vindo a aumentar, posteriormente para 25% e, em alguns países europeus, como a França e os países escandinavos, chegou superar os 40%.

⁸ Também na Europa, a capitalizaçã bolsista das empresas européias da internet caiu em média cerca de 57,5%. In: DOMINIQUE PLIHON (2004), p.66.

apenas não queriam interferir, estabelecendo freios e limites ao modelo, mas o estimularam, com pacotes fiscais que favoreciam a jogatina e o lucro fácil.

De todo modo, esse frenesi da Nova Economia teve efeitos desiguais, principalmente entre os países da periferia do sistema.

Tabela 1 - Participação dos Países em Desenvolvimento na Finança Global (%)

	1981	1995	2000
Mercados Financeiros Internacionais	9,7	9,0	5,5
Investimentos Diretos	22,3	32,3	15,9
Produção Mundial	19,8	20,7	22,5
Comércio Mundial	26,5	29,5	33,4
População Mundial	84,1	84,6	85,2

Fonte Banco Mundial, Rapport sur le Financement du développement (2001)

Esta tabela, contudo, não revela que 3\4 dos IEDs (construção de fábricas, aquisição de empresas) eram arrebanhados por 10 países emergentes, à frente a China, o Brasil.

A Crise de 2008

A Confiança dos domicílios na economia dos Estados Unidos não parou de cair depois do verão de 2007, traduzindo a profunda inquietude na qual os mergulhou a crise da *subprime*. Além destes problemas, os eleitores apontaram, em ordem decrescente: a economia, a situação no Iraque, a educação, o funcionamento do governo, o sistema de saúde⁹. Jean-Marc Lucas aponta, no quadro econômico, quatro pontos mais negativos a contribuir para a crise: em primeiro lugar as perdas de emprego, sobretudo nos setores manufatureiro e de serviços. Em segundo lugar, relacionado ao retorno da inflação. Em terceiro a crise imobiliária, que provocava uma perda de patrimônio, que teve início em julho de 2005, quando não a perda total do imóvel e finalmente, a crise na bolsa que representou uma queda no preço das ações, fazendo com que o patrimônio dos domicílios sofresse um duplo choque, financeiro e imobiliário. Um comentário interessante de Lucas é que neste processo

⁹ JEAN-MARC LUCAS (2008), "Élections américaines: le poids du context, le choc des programmes." In: Problèmes économiques, septembre, 2008, n° 2954, p.3-11.

de deterioração econômica, as empresas industriais haviam sofrido menos que os domicílios ou os Bancos e as Bolsas, sobretudo por que sendo abertas ao exterior, estavam em melhor posição que os outros para tirar partido relativo da economia mundial comparativamente àquela dos Estados Unidos e da depreciação que afetava o dólar¹⁰.

Em fevereiro de 2009 a produção industrial dos EUA registrou uma queda de 11,2% , o maior declínio desde 1975. A utilização da capacidade instalada alcançou 70,9% no mesmo mês, igualando-se ao nível mais baixo já registrado¹¹.

Análise feita pelo FMI¹² recentemente fazendo previsões para 2009, afirma que a economia mundial como um todo encolherá 0,6% (o ano de 2007 viu uma taxa de crescimento positiva de 5% e em 2008, de 3,7%), sendo mais grave na região do Euro, com impacto negativo de -3,2%, nos EUA de -2,6% e no Japão de -5%.

Segundo Suzanne Rosselet McCauley¹³, nenhum país passará imune à crise E, se o efeito dominó começou nos Estados Unidos, pela crise do mercado de crédito imobiliário, prosseguiu com o Reino Unido (particularmente vulnerável devido ao elevado nível de endividamento das famílias, atingindo 150% da renda disponível e elevada dependência do setor financeiro para manter o nível de emprego. Neste país o setor responde por 20% de todos os empregos britânicos) Espanha, Irlanda, Japão (a dívida do governo japonês equivale a mais de 170% do PIB), Itália (dívida do governo é superior a 100% do PIB) Alemanha e França e nem mesmo a poderosa China escapará das refregas.

A Crise imobiliária

Sendo um objetivo ambicionado pela maioria das famílias, a aquisição do imóvel os Estados Unidos havia se tornado mais acessível desde o início dos anos 90. A taxa de proprietários de imóveis evoluiu em um curto intervalo de trinta anos, de 63% em 1965 para 69% em 2004. Este crescimento do número de proprietários, em boa medida foi constituído de créditos *subprime*, chegando a 14% em 2007 dos empréstimos hipotecários totais.

¹⁰ JEAN-MARC LUCAS, Op.cit,p.4

¹¹ Valor (2009), "Indústria dos EUA aprofunda declínio". P. A10, 17 de março.

¹² Valor (2009), "Recessão será mais profunda , diz FMI" 18 de março, A14, por Krishna Guha e Bernd Benoit.

¹³ SUZANNE ROSSELET MCCAULEY " Quem serão os Sobreviventes?" in. Valor, 19\03\09.

O peso dos desequilíbrios externos

A balança de pagamentos americana, altamente deficitária, chegava a 739 bilhões de dólares em 2007, ou 5,3% do PIB, atingindo a 6,2% em 2006. O acúmulo anual de déficits correntes implica numa posição externa líquida altamente deficitária, da ordem de 2 trilhões e 500 bilhões de dólares em 2006, ou seja, de 19% do PIB.¹⁴

Além deste quadro nada favorável, a indústria automobilística norte-americana¹⁵, um símbolo do padrão de vida dos EUA e da potência norte-americana, entrou em situação pré-falimentar, além de outros setores emblemáticos como o transporte aéreo e o setor bancário (acossado pela *subprime*).

A quebraadeira generalizada

A Washington Mutual Ic(WAMu), uma empresa de Seattle com quase cento e vinte anos de existência, protagonizou um dos maiores colapsos empresariais nos Estados Unidos, quando declarou ter mais de USD 8 bilhões em dívidas na documentação de seu pedido de concordata ao US Bankrupt Court, o que não representava a totalidade dos débitos, pois muitos passivos estão distribuídos entre suas diversas subsidiárias, muitas das quais não pediram proteção contra credores¹⁶. Em montante o endividamento da WaMu está entre as maiores da história das falências dos EUA. A maior foi a do Lehman Brothers, que atingiu US\$ 613 bilhões. O JP Morgan Chase & Co passou a ser o novo proprietário da WaMu, tornando-se o maior banco americano em montante de depósitos.

O pedido de concordata da Lehman, de 15 de setembro de 2008 deflagrou uma reação em cadeia que expôs ao público as entranhas doentes do sistema financeiro americano. Acelerou a queda da seguradora American International Group, a AIG, e causou prejuízos aos mais diversos grupos, desde aposentados Noruegueses até investidores

¹⁴ JEAN-MARC LUCAS Op.cit.p.6

¹⁵ CATHERINE SAUVIAT (2008), "La Crise des 'Big Three' de l'automobile américaine". In: *Problèmes économiques*, septembre, 2008, n° 2954, p.23-29. A autora afirma que depois dos anos 2000 esta indústria americana perde velocidade e iniciou um processo de reestruturação. Em 2008 houve queda das vendas de veículos novos, a mais pronunciada desde 1993.

¹⁶ Valor Finanças 29 setembro de 2008, C1 "WaMu possuía US\$ 31 bi em créditos podres".

do Reserve Primary Fund, um fundo mútuo de curto prazo antes considerado tão seguro quanto dinheiro vivo¹⁷. O impacto dos mercados financeiros com valores da ordem de US\$ 700 bilhões sobre outras importantes instituições financeiras, tidas como pilares de Wall Street, como a Goldman Sachs Group Inc e o Morgan Stanley, fez com que as autoridades do Fed e do Tesouro acabassem por apresentar um plano de socorro.

A questão está em que numa época onde mercados, bancos e investidores estão todos interligados por uma teia de relações tão complexa quanto obscura, deixar a crise avançar poderia ter provocado resultados ainda mais arrasadores.

Antes do Lehman, as instituições do mercado imobiliário Fannie Mae, Freddie Mac e Bear Stearns já tinham sido socorridas do colapso.

O governo americano estatizou as duas maiores empresas de financiamento hipotecário dos EUA, que haviam sido criadas pelo Estado em 1938 e 1970, e depois privatizadas, com o objetivo de diminuir os gastos públicos e aumentar a concorrência setorial¹⁸. Segundo Fiori, tendo em vista a crise, o secretário do Tesouro prometeu injetar até US\$ 200 bilhões dos contribuintes nas duas empresas, que controlam metade do mercado de hipotecas dos EUA, estimado em 12 trilhões de dólares. Já anteriormente, nos últimos meses antes do estouro, o *Federal Reserve* financiara a aquisição do banco Bear Stearns pelo J.P. Morgan; além do que criou uma nova linha de financiamento para firmas externas ao setor bancário e colocou seus “inspetores” para controlar os bancos de investimento. Enquanto o Congresso norte-americano aprovava, no último dia 30 de julho, a Lei para tentar a recuperação da Economia e do Setor Imobiliário, e discutia uma nova regulamentação rigorosa e detalhada do mercado financeiro americano.

Segundo André Scherer¹⁹ os estímulos fiscais têm sido utilizados como última alternativa para reativar a economia. Assim os EUA estudam para 2009 cortes de impostos, aumentos dos gastos em infra-estrutura e

¹⁷ Valor Finanças, 29 de setembro de 2008 C3 “ In: The Wall Street Journal Americas : “Colapso da Lehman foi o grande marco no agravamento da crise”, por CARRICK MOLLEMKAMP; MARK WHITEHOUSE E IANTHE JEANNE DUGAN.

¹⁸ JOSÉ LUIS FIORI (2008) “ A moeda, o crédito e o capital financeiro”. In: Le Monde Diplomatique no Brasil. 14 de setembro.

¹⁹ ANDRÉ LUIS FORTI SCHERER (2008), *A crise da economia financeirizada*. Mimeo: Professor da FACE/PUCRS e economista da Fundação de Economia e Estatística do Estado RGS.

aumentos na duração do seguro-desemprego que devem montar a cerca de US\$ 800 bilhões de dólares adicionais. Na Europa, Alemanha e Inglaterra já anunciaram pacotes aumentos de gastos e redução de impostos em torno de 1% do PIB e a União Européia se comprometeu a gastar 200 bilhões de Euros adicionais para estimular a economia. Na China, país com praticamente dois trilhões de dólares de reservas, o governo anunciou planos de liberação de 850 bilhões de yuans (US\$124 bilhões) para planos básicos de saúde e atendimento hospitalar adicional. O incentivo do governo à economia foi calculado em 4 trilhões de yans (US\$586 bilhões), que alimentou um recorde de importações de minério de ferro e de cobre para projetos ferroviários, rodoviários e de energia elétrica, o que não será suficiente para sustentar as compras externas do país, que segundo analistas²⁰.

Nos Estados Unidos, o total do comprometimento governamental com o resgate das instituições financeiras e seguradoras, como a AIG, a qual se mostra um verdadeiro poço sem fundo nas exigências de recursos governamentais, atinge impressionantes 7,4 trilhões de dólares até o momento, sendo que US\$ 2,836 trilhões já foram efetivamente despendidos²¹. Tudo isso sem que o crédito dê sinais de uma retomada efetiva nos EUA, mas o mais grave de tudo é que se tenta fazer a economia mundial retomar os trilhos, sem efetivamente se aprofundar os motivos de por que saiu dos trilhos. Exemplo mais contundente foi a última reunião do G20, quando uma das alternativas lançadas de afogadilho foi a reestruturação e capitalização do Fundo Monetário Internacional, quando nenhum líder ali presente se quer lembrou que esta instituição de Bretton Woods esteve, justamente, vinculada aos desígnios do apanágio do mercado e da flexibilização do trabalho e à desregulamentação da economia.

²⁰ Valor (2009), "Gasto privado baixo deve inibir importação chinesa" A12, 1 de junho

²¹ A seguradora AIG já consumiu mais de US\$ 120 bilhões de dólares em recursos e nada indica que esta soma seja a definitiva dado seu comprometimento com os derivativos de seguros de crédito. Na conta de US\$ 2,836 trilhões não estão ainda contabilizados nem o comprometimento de mais de US\$300 bilhões em seguros de títulos hipotecários pertencentes ao Citigroup, nem os US\$ 800 bilhões definidos em 25/11/2008 (US\$ 600 bilhões para a compra de títulos hipotecários de posse das agências semi-governamentais imobiliárias e outros US\$ 200 bilhões para a compra de títulos securitizados baseados em empréstimos para financiamento automobilístico, créditos estudantis e dívidas com cartões de crédito). O objetivo dessas ações é desbloquear o crédito tanto no mercado imobiliário quanto no crédito direto às pessoas físicas.

Fim da hegemonia dos EUA?

Hoje, uma questão discutida por grande número de especialistas é se os EUA estão efetivamente em declínio. Ao mesmo tempo, especula-se sobre o avanço realizado pela China, em primeiro lugar, e a Índia a seguir.

Os EUA têm a seu favor a grande vitalidade do progresso técnico e a considerar a força do Silicon Valley, tudo leva a crer que o país estará à frente durante as próximas revoluções tecnológicas. Considerando as indústrias portadoras de futuro, o avanço dos Estados Unidos é, e será por um longo tempo, decisivo. O país domina os setores de nanotecnologia e conta com mais centros de pesquisa neste campo do que a Alemanha, o Reino Unido e a China, reunidos. Os Estados Unidos dominam igualmente o setor da Biotecnologia (76% dos rendimentos mundiais).

Um outro ponto a favor dos EUA é que com as novas cadeias de valor criadas a partir da globalização, são as tarefas de concepção e de desenho de um produto que geram valor agregado e não as tarefas de fabrico e montagem. Os editores da Revista *Problèmes Économiques*²² dão o exemplo do Ipod da Apple que são quase inteiramente fabricados no estrangeiro, mas a parte mais importante do valor agregado fica na Califórnia.

Outro elemento decisivo é um sistema de ensino superior de alto nível.

Em 2006, os Estados Unidos dedicavam 2,6% do seu PIB ao sistema de ensino superior, contra 1,2% na Europa e 1,1% no Japão. "Com apenas 5% da população mundial, o país conta com 7 das 10 melhores universidades do mundo. Estas universidades formam 30% do total dos estudantes estrangeiros no mundo²³, o que provoca o fenómeno da fuga de cérebros. Existe ainda um tecido, muito bem trabalhado entre os centros de pesquisa universitários do país e as empresas. Mas nem tudo é dourado neste mundo, pois passado um quarto de século o Estado tem reduzido significativamente os recursos para o ensino público, que forma

²² Op.cit.p.28

²³ Os estudantes estrangeiros e imigrantes representam nos EUA 50% dos pesquisadores em ciência e, em 2006, 40% dos doutores em ciência e em engenharia e 65% em informática. Da mesma forma, 50% dos empreendedores do Silicon Valley têm um fundador que é imigrante, ou um americano de primeira geração (redaction de *Problèmes Économiques*, septembre, 2008, n° 2954, p.29) .

75% dos estudantes e o aumento dos custos das taxa escolares que se tornam muito altos para as classes média e popular.

É uma crise de outra natureza ?

François Chesnais²⁴ defende a tese de que a crise de 2008 deixa para trás uma longa fase de expansão da economia capitalista mundial e que essa ruptura marca o início de um processo de crise com características que são comparáveis à crise de 1929, muito embora que se desenvolverá em um contexto muito distinto. Para o economista francês, a crise de 1929 se desenvolveu como um processo que teve seu ponto culminante em 1933, sendo seguida por um longo período de recessão. Estaríamos vivendo as primeiras etapas, primeiríssimas etapas, de um processo desta amplitude e desta temporalidade. É o que nestes dias está ocorrendo e tem como cenário os mercados financeiros de Nova Iorque, de Londres e de outros grandes centros de valores mobiliários. Representam somente um aspecto - e talvez não seja o aspecto mais importante - de um processo que deve ser interpretado como um processo histórico:

“Estamos frente a um desses momentos em que a crise vem expressar os limites históricos do sistema capitalista. Não se trata de alguma versão da teoria “da crise final” do capitalismo ou algo do estilo. Do que realmente se trata, em minha opinião, é de entender que estamos enfrentando uma situação na qual se expressam esses limites da produção capitalista”. A diferença do que ocorreu em 1930 está em que, naquele então, a China e a Índia eram semicolonias, enquanto hoje são os países com as maiores taxas de crescimento mundial e participam plenamente de uma única economia mundial,unificada e até então desconhecida, enquanto etapa histórica do capitalismo” .

É interessante a imagem que se construiu da China como um dragão com três cabeças: i) aquela devoradora de quantidades cada vez maiores de energia, matérias primas industriais e *commodities* agrícolas (a China

²⁴ FRANÇOIS CHESNAIS, (2008). Crise Financière: quelques détours par la théorie. *Savoir/Agir*, nº4. Disponível no sítio www.fondation-copernic.org/spip.php?article183 , acesso em 14/11/2008.

FRANÇOIS CHESNAIS, (2008), “El fin de um ciclo. Alcance y rumbo de la crisis”. in: *Revista Herramientas*, nº 7, marzo. cf: www.herramienta.com.ar/

ultrapassou a demanda européia em 2006 e deve superar a dos Estados Unidos dentro de uma década, muito embora com problemas graves de eficiência, com grandes impactos na poluição; ii) uma segunda cabeça que é a produção de manufaturados de baixo custo (têxteis, calçados, eletroportáteis e bens de consumo de baixo e médio valor agregado, além de estar se tornando produtos de maior sofisticação, a exemplo dos automóveis, telecomunicações e bens de capital. iii) A terceira cabeça do dragão é a sua população, enquanto grande consumidora global²⁵. A grande questão que hoje se coloca é qual o impacto da crise e da desaceleração americana no setor exportador do país²⁶.

O principal canal de transmissão da crise ao redor do planeta passa pelo desempenho do comércio mundial e aqui a *performance* da economia chinesa é o maior termômetro. A relativamente recente emergência da China como “atelier manufatureiro mundial” recoloca, também mundialmente, as questões levantadas por Marx quanto às “barreiras imanentes à acumulação de capital”²⁷. Ou seja, uma crise de super-acumulação e uma verdadeira depressão mundial dependem ainda da forma como o desaquecimento do consumo nas economias desenvolvidas (em primeiríssimo plano, nos Estados Unidos) rebaterá sobre a economia chinesa²⁸. Em texto publicado há alguns meses na revista Carré Rouge²⁹, o economista francês François Chesnais chamava a atenção para algo mais profundo por trás da financeirização e do culto à auto-suficiência dos mercados. Ele mostra que as décadas neoliberais foram marcadas por um enorme aumento na acumulação capitalista e nas desigualdades internacionais. Fenômenos como a automação, a deslocalização das empresas (para países e regiões onde os salários e direitos sociais são mais deprimidos) e a emergência da China e Índia como grandes centros produtivos rebaixaram o poder relativo de compra

²⁵ LUIS CARLOS MENDONÇA DE BARROS E PAULO PEREIRA MIGUEL (2007), 12 de novembro, Valor A16.

²⁶ Os sinais mais recentes dão conta de que o processo de desaquecimento econômico chinês, verdadeira correia que pode trazer mais fortemente a crise à América Latina e à África a partir de uma queda vertiginosa na receita com a exportação de matérias-primas e de alimentos, está em marcha relativamente acelerada. As últimas projeções dão conta de um crescimento entre 7,5% e 5,5% para a China em 2009, quando até recentemente estavam em 9,5%.

²⁷ Essa argumentação é desenvolvida em CHESNAIS, F. (2008).

²⁸ ANDRÉ LUIS FORTI SCHERER (2008), op.cit.

²⁹ FRANÇOIS CHESNAIS (2008), “Cette crise exprime les limites historiques du capitalisme”: Carré Rouge: www.carre-rouge.org/, out

dos salários. O movimento aprofundou-se quando o mundo empresarial passou a ser regido pela chamada “ditadura dos acionistas”, que leva os administradores a perseguir taxas de lucros cada vez mais altas. O resultado é um enorme abismo entre a capacidade de produção da economia e o poder de compra das sociedades. Na base da crise financeira estaria, portanto, uma crise de superprodução, semelhante àquelas que foram estudadas por Marx no século retrasado. Ao liquidar os mecanismos de regulação dos mercados e redistribuição de renda, introduzidos após a crise de 1929, o capitalismo neoliberal teria reinvocado o fantasma.

José Eli da Veiga³⁰, em sentido próximo ao de Chesnais, trata da questão do aquecimento global fazendo crítica a um relatório recente do Banco Mundial “ The Growth Report - Strategies for Sustainable and Inclusive Dvelopment”, que mesmo considerando temas como as resistências à globalização por seus efeitos danosos sobre o meio ambiente (nem as dificuldades para se reduzir as emissões de gases de efeito estufa) são entendidos como fenômenos “exógenos”, ou seja, nada teria a ver com o crescimento econômico. “A constatação empírica da divergência entre o desempenho econômico (medido pela evolução do produto) e a efetiva qualidade de vida, assim como entre elas e as perspectivas das gerações futuras (sustentabilidade ambiental) são os primeiros sinais daquilo que no plano teórico havia sido antecipado desde 1966 pela genial contribuição de Georgescu-Roegen (1906-1994). Foi ele quem mostrou que as teorias da ciência econômica simplesmente fazem de conta que não existe a termodinâmica, porque seria muito incômodo aceitar sua segunda lei, da entropia”. Ou seja, a de que toda transformação energética gera calor, que se dissipa na atmosfera, e calor é a forma mais degradada de energia, que não pode ser totalmente aproveitada.

As alternativas

Fala-se hoje em retorno ao Keynesianismo, mas a meu ver ainda é muito cedo. Não se deve esquecer que os mercados são criações do Estado através dos títulos do tesouro. Ao mesmo tempo, como indiquei anteriormente, também é precipitado afirmar que a hegemonia dos

³⁰ JOSÉ ELI DA VEIGA (2009), “Colapso Global como freio de arrumação”. In Valor A 13, 17 de março.

Estados Unidos está em declínio final, pela força industrial, tecnológica e militar que ainda dispõe, na capacidade do dólar como moeda³¹ de conversibilidade plena. O que se pode dizer, sim, é que esta crise necessariamente exigirá reformas do capital, sendo que um retorno ao capitalismo financeiro tal qual operou desde os anos 80, tende a ser improvável, esperando-se mais controle, mais regulação, maior força de alguns países emergentes no cenário geopolítico mundial.

É previsível que a China irá jogar um papel cada vez mais afirmativo, seguido pela Índia e possivelmente o Brasil e a Rússia.

Como elementos de desejo, uma refundação do Estado, em termos de democracias mais consistentes e com qualidade; mais afirmativas em termos de políticas sociais inclusivas.

Existe hoje mundialmente uma movimentação social, que embora com propósitos difusos e fragmentários, vem informando e propondo alternativas que têm ganhado força numa escala que não é mais nacional. Lutas nacionais e regionais, por questões relativas ao aquecimento global, aos direitos humanos, a políticas sociais ou sua ausência, por questões étnicas e de gênero que se fazem ouvir em Fóruns mundiais de relevo.

Vale a pena seguir as reflexões de Antonio Martins, em artigo publicado no *Le Monde Diplomatique*³² edição brasileira, ao afirmar que hoje é impossível prever a duração e a profundidade e as conseqüências da crise. Um processo de fortes impactos ao nível dos empregos, de redução da atividade econômica e de perplexidades vem ocorrendo, sem que os recursos volumosos até o momento despendidos pelos bancos centrais venham a controlar a situação. O *núcleo* dos economistas neoliberais já não pode garantir seu fundamentalismo de mercado. O modelo tido como única via já não se sustenta e o estado vem sendo convocado para limpar a "basura". Contudo, diz Antonio Martins "há uma imensa distância entre a queda do dogma e a construção de políticas de sentido inverso". Os governos têm abandonado o discurso da excelência dos mercados, mas desviam rios de dinheiro público às instituições dominantes destes mesmos mercados.

³¹ A composição das reservas mundiais ao final de 2008 era US\$ 6 trilhões e 713 bilhões, sendo 40,07% em dólares ou US\$ 2.690 bilhões; 16,63% em Euros ou US\$ 1.117 bilhões; USD 172 bilhões em Libras Esterlinas e US\$ 138 bilhões em Ienes. In: "Valor (2009), "Crise interrompe acumulação de reservas em dólar". 2 de abril, p.A15.

³² ANTONIO MARTINS "Para entender a crise financeira". *Le Monde Diplomatique*, 06\10\2008.

O economista Nouriel Roubini³³, da Universidade de New York , considerou o pacote de 700 bilhões de dólares, aprovado em emergência pelo Congresso dos Estados Unidos “injusto”, “ineficaz e ineficiente”. Injusto porque socializa prejuízos, oferecendo dinheiro às instituições financeiras (ao permitir que o Estado assuma seus “títulos podres”) sem assumir, em troca, parte de seu capital. Ineficaz porque, ao não oferecer ajuda às famílias endividadas – e ameaçadas de perder seus imóveis –, deixa intocada a *causa* do problema (o empobrecimento e perda de capacidade aquisitiva da população), atuando apenas sobre seus efeitos superficiais. Ineficiente porque nada assegura que estes bancos, salvos em meio à crise com recursos públicos, disponham-se a reabrir os créditos que poderiam irrigar a economia.

A seguir, apresento alguns dados que dão um quadro da iniquidade da situação mundial em termos sociais, que tem tudo a ver com “a exuberância racional”, digamos, a sua contra-face perversas, em duas referências sobre o percentual da população mundial com menos de 1 dólar dia por região e a mortalidade infantil (por mil nascidos) de crianças com 5 anos e menos de idade.

Muito embora entre os dez anos a série indique melhoras nas regiões periféricas, a situações da África Sub-Sahariana e da Ásia do Sul são particularmente graves.

Tabela 2 - População Empregada - Vivendo com menos de 1USD PPP - Regiões Periféricas (%)

Região	1997	2007
África Sub-Sahariana	55,5	51,4
Ásia do Sul	51,5	31,5
Sudeste da Ásia	24,1	13,3
Ásia do Leste	18,8	8,7
América Latina	11,6	8,0
Ásia do Oeste	2,9	5,4
Sudeste da Europa	2,8	2,3

Fonte: United Nations: The Millenium Development Goal Report 2008.

³³ DENISE GODOY “Crise global vai continuar mesmo depois da recessão”. Entrevista a Nouriel Roubini, Folha de São Paulo 22/05/2009

Os dezesseis anos coberto pela tabela 3 expressam que a redução da mortalidade infantil foi intensa na América latina, principalmente entre os anos 1990 e 2000, tendo sido também relevante na Ásia do Sul, mas cai em intensidade nos seis anos do final da série, o que muito provavelmente está associado a uma redução dos recursos direcionados para a saúde como um todo. Chama ainda a atenção a imensa disparidade entre a situação da África Sub-Sahariana e aquela dos países desenvolvidos.

Tabela 3 - Mortalidade Infantil de Crianças com menos de 5 anos de idade - (Por 1.000 Nascidos) - Por Regiões Mundiais

Regiões	1990	2000	2006
África Sub-Sahariana	184	167	157
Ásia do Sul	120	94	81
Ásia do Oeste	70	64	47
América Latina	82	48	35
Regiões Desenvolvidas	11	8	6
Regiões em Desenvolvimento	103	88	80

Fonte: United Nations: The Millenium Development Goal Report 2008.

Afirmar uma outra direção não apenas para a saúde financeira da economia mundial, mas também para dar início a construção de uma comunidade internacional em novas configurações, teria que partir do saneamento do Sistema Financeiro Internacional (eliminação dos Paraísos Fiscais; controle rigoroso da economia “cassino” e taxaço da especulação financeira a partir de mecanismos inspirados no modelo de James Tobin). Existem alternativas³⁴ que poderiam ter efeitos benéficos e duradouros para todas as nações e regiões:

- Repensar o Financiamento do desenvolvimento sobre outras formas: os critérios da rentabilidade econômica e social de longo prazo são, em grande medida, ignorados pela lógica rentista dominante;
- Imposição de uma taxa global sobre os investimentos financeiros: através de um novo regime fiscal capaz de aportar

³⁴ DOMINIQUE PLIHON (2004)

recursos para combater a poluição atmosférica e para desenvolver tecnologias limpas;

- Imposto generalizado (escala global) sobre as operações em Bolsa: os recursos seriam aplicados em campanhas de erradicação mundial do analfabetismo, em qualidade da educação, saúde, infra-estrutura básica de saneamento, água potável e habitação ou em transferências tecnológicas no sentido Norte-Sul;
- Oferta de microcrédito para a luta contra a pobreza e as desigualdades.

Muitas outras e fundamentais alternativas poderiam ser aqui enumeradas, mas até que estas idéias se tornem hegemônicas, ou esgrimidas em todos os cantos do planeta, me vêm à mente a famosa expressão de Shakespeare - "Much ado about nothing" e aquela de Guimarães Rosa - "Viver é perigoso". Ainda assim, as novas sociabilidades têm feito seu caminho, que enfrentam as iniquidades do capitalismo.

Referências

CHESNAIS, F. Crise Financière: quelques détours par la théorie. *Savoir/Agir*, nº4, 2008.

Disponível no sítio www.fondation-copernic.org/spip.php?article183, acesso em 14/11/2008.

CHESNAIS, F. "El fin de um ciclo. Alcance y rumbo de la crisis". in: Revista Herramientas, nº 7, marzo 2008. cf: www.herramienta.com.ar/

CHESNAIS, F. "Cette crise exprime les limites historiques du capitalisme": Carré Rouge: www.carre-rouge.org/, out 2008.

GODOY, D. (2009) "Crise global vai continuar mesmo depois da recessão". Entrevista a Nouriel Roubini, *Folha de São Paulo* 22/05/2009

GOUREVITCH, P. *Politics in Hard Times*. Comparative responses to international economic crises. Cornell University Press, Ithaca, 1986.

HALIMI, S. "Protecionismo para uns, livre comércio para outros". *Le Monde Diplomatique*, Brasil, 2009, p.12.

KINDLEBERGER, C.P. *Manias, Pânico e Crashes*. Um histórico das crises financeiras. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

LUCAS, J-M. "Élections américaines: le poids du context, le choc des programmes." *Problèmes économiques*, septembre, 2008, nº 2954, p.3-11.

- McCAULEY, S.R. "Quem serão os Sobreviventes?" *Valor*, 19\03\09.
- PLIHON, D. *O novo capitalismo*. Lisboa: Campo da Comunicação Ed, 2004.
- PRADO, A. "Memórias de crises e o colapso do mercado autorregulado". *Valor*, 16 de março 2009.
- SAUVIAT, C. "La Crise des 'Big Three' de l'automobile américaine". *Problèmes économiques*, septembre, 2008, n° 2954, p.23-29.
- STRANGE, S. *Mad Money: when markets outgrow governments*. Ann Arbor: Michigan University Press, 1998.
- VEIGA, J.E. "Colapso Global como freio de arrumação". *Valor*, A 13, 17/03/09.